

O MITO DO JUDEU INDÍGENA NA *GRAPHIC NOVEL HOLANDESES*, DE

ANDRÉ TORAL

THE MYTH OF INDIGENOUS JEWS IN THE GRAPHIC NOVEL HOLANDESES, BY ANDRÉ TORAL

Gustavo Reis Gonçalves¹

RESUMO: Este trabalho objetiva discutir o mito do judeu indígena em *Holandeses* (2017), que apresenta o mito do judeu indígena que Menasseh Ben Israel e Antônio Fernandes Brandão ecoaram em seus escritos. Embasando-se nos estudos de Faingold (1997), Gonçalves *et al.* (2013), Toral (2017) e outros, veremos a teoria da *graphic novel*, discussões acerca do mito do judeu indígena e um panorama histórico dos holandeses no Brasil, para, por fim, discutir a abordagem do mito na obra.

Palavras-chave: mito; judeu indígena; *graphic novel*.

ABSTRACT: This work aims to discuss the myth of indigenous Jews in *Holandeses* (2017), which presents this myth as discussed in the works of Menasseh Ben Israel e Antônio Fernandes Brandão. Supported by Faingold (1997), Gonçalves *et al.* (2013), Toral (2017), and others, we are going to show the graphic novel theory, the historical panorama of the presence of the Dutch in Brazil, and the myth as approached in the book.

Keywords: myth; indigenous Jews; graphic novel.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho volta-se para o estudo do mito do judeu indígena presente na *graphic novel Holandeses*, de autoria de André Toral, publicada em 2017. Muitos mitos originários da cultura judaica foram retratados na literatura e nas artes em geral. O mito do judeu errante e o mito de Lilith, por exemplo, podem ser tomados como

¹ Mestrando, UFPA.

rastros da cultura judaica. Com o mito do judeu indígena não é diferente. De que trata este mito? E como ele se configura em *Holandeses* (2017)?

Para responder a essas perguntas, primeiramente é necessário considerar alguns dados conceituais a respeito do gênero *graphic novel*. Esse é um gênero que começou a ser conhecido por esse nome na década de 1960, como modo de identificar quadrinhos que eram lançados em um só volume extenso e que falavam de questões sociais e históricas, como, por exemplo, *Maus* (1980-1991) e *Persépolis* (2000).

O termo em si pode ser utilizado de diversas maneiras, tanto como apenas um sinônimo de quadrinhos, quanto como uma coletânea, um formato mais parecido com um livro, diferindo de como os quadrinhos tradicionalmente são publicados, com suas páginas, em geral, presas por grampos. Eddie Campbell (2007), em estudos mais recentes, identificou que essas narrativas podem se aproximar do gênero prosa, com a utilização da sequência em imagens que se complementam.

A comunidade acadêmica demorou para trazer discussões acerca dessas narrativas para dentro das grandes universidades ao redor do mundo, o que vem mudando desde as obras que se consolidaram a partir da década de 1990, com narrativas mais densas e que abordam temas mais específicos. Uma boa definição do que é uma *graphic novel* é apresentada por Hillary Chute e Marianne DeKoven:

Entendemos a narrativa gráfica como híbrida, se valendo de: os quadrinhos serem uma forma de expressão cultural de massa, valendo-se de altos e baixos índices e as suas referências artísticas múltiplas; quadrinhos são um gênero múltiplo em sua composição, que de modo engenhoso mistura gêneros muito diferentes; e o mais importante, os quadrinhos constituem-se de narrações verbais e não verbais que não se limitam à sintetização única. (CHUTE; DEKOVEN, 2006, p. 769, tradução nossa).²

² No original: "We further understand graphic narrative as hybrid in the following sense: comics is a mass cultural art form drawing on both high and low art indexes and references; comics is multigeneric, composed, often ingeniously, from widely different genres and subgenres; and, most importantly, comics is constituted in verbal and visual narratives that do not merely synthesize." (CHUTE; DEKOVEN, 2006, p. 769).

Sendo assim, temos uma visão mais profunda de como esse gênero se utiliza de uma construção múltipla para comunicar aquilo que almeja, o que depende do teor da narrativa e do estilo escolhido pelo autor. Segundo Roberto Elísio dos Santos e Nobu Chinen (2020), de um modo geral, não há um consenso do que deve ou não ser classificado como uma produção desse gênero. Apesar disso, é possível nortear sua identificação na medida em que o caracterizamos como percebemos a seguir:

- I) normalmente, as *graphic novels* são histórias em quadrinhos autorais (sendo herdeiras dos *comix underground*), fato que proporciona aos artistas liberdade estética, narrativa e editorial;
- II) são edições únicas, com uma história sendo narrada ou um conjunto de narrativas que possuem um tema em comum;
- III) são distribuídas e vendidas em livrarias ou lojas dedicadas às histórias em quadrinhos e produtos relacionados para um público especializado;
- IV) não obedecem a um formato estabelecido: podem ser publicadas como álbuns ou livros;
- V) podem ser impressas em preto e branco ou em cores, com capa mole ou dura;
- VI) as tiragens podem ser baixas ou de muitos exemplares;
- VII) são direcionadas ao leitor adulto, o que permite a abordagem de temas sociais ou intimistas;
- VIII) podem abordar qualquer gênero ficcional ou não ficcional. (SANTOS; CHINEN, 2020, p. 132-133).

Da mesma forma, é necessário considerar alguns postulados sobre o mito. Jean-Pierre Vernant (2005), ao estudar os mitos gregos, delineou-os como expressões de uma cultura representante de uma civilização específica. Os mitos explicam fatos e espelham marcas culturais. Segundo Vernant (2005), o mito se faz presente em uma época e em uma cultura determinadas, entretanto, não segue uma sequência temporal, logo, é anacrônico, pois pode se deslocar e fazer a apresentação de um “momento histórico” que mostra a estranheza e o maravilhoso como sua característica. Mircea Eliade (1972) apresenta comentários sobre o mito como história das origens. Para ele o essencial é conhecer esses mitos:

Essencial não somente porque os mitos lhe oferecem uma explicação do Mundo e de seu próprio modo de existir no Mundo, mas sobretudo porque, ao rememorar os mitos e reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Ancestrais fizeram *ab origine*. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem. (ELIADE, 1972, p. 14).

No caso do mito do judeu indígena, são traços e rastros da cultura judaica que podem ser espelhados. A partir de toponímias bíblicas e de narrativas com bases míticas, atualiza-se um mito antigo: o do rei Salomão e a sua frota de embarcações que, desde o século XVI, ganhou maior expressividade na História e na Literatura, como veremos. A Bíblia mostra-se rica fonte mítica, isso é, um depósito de mitos aliciantes.

2. O ÍNDIO JUDEU

Antes de começarmos a discussão, temos que deixar claro que a utilização do termo *índio* se dá por conta de como ocorreu a disseminação do mito, e assim, se refere ao mito aqui apresentado. No intuito de compreender no que consiste esse mito, do judeu dentro de comunidades indígenas brasileiras, presente em *Holandeses* (2017), de André Toral, é preciso primeiro considerar de onde surgiu e como se disseminou essa narrativa.

O mito do judeu indígena tem uma documentação superficial e que a história oficial considera como apócrifa. Contudo, a literatura apresenta esse mito e faz dele plano de fundo para várias narrativas, como se dá com *Holandeses* (2017) e em alguns romances de Moacyr Scliar, como *Cenas da vida minúscula* (1991). Nesse romance, um descendente de Salomão, na época das expedições marítimas, aporta em terras amazônicas, criando, por artes mágicas, pequenos homúnculos que conservarão alguns traços culturais do judaísmo.

A presença de judeus em terras brasileiras antes da colonização portuguesa é documentada em escritos muito antigos. No dicionário de mitos e tradições judaicas organizado por Alan Unterman (1992), temos a presença de Menasseh Ben Israel (1604-1657), um rabino holandês que era adepto da visão cabalista do judaísmo. Essa visão acredita na vinda do Messias apenas quando os judeus estivessem espalhados por todos os cantos do mundo, visão ligada a um preceito bíblico do Antigo Testamento sobre a vinda do Messias e a diáspora do povo judeu (UNTERMAN, 1992).

Segundo Unterman (1992), Ben Israel teve acesso a escritos de Aarão Montezinos, que relatavam a presença de traços da cultura judaica, em geral costumes, entre indígenas sul-americanos. Tendo isto em mente, o rabino escreveu o livro *A esperança de Israel* (1881), no qual, com base no Antigo Testamento, fala de suas aspirações sobre a vinda do Messias e das dez tribos perdidas de Israel. É importante também lembrar que, no século XVII, o rabino Menasseh fez grandes esforços para a readmissão dos judeus em território inglês sem que estes se convertessem ao cristianismo, segundo a lei, no século XVII, esforços que tiveram sucesso após sua morte.

Nesses escritos documentados por Ben Israel, Montezinos, ao notar costumes e algumas práticas ritualísticas que se assemelhavam à tradição judaica, relata o que o índio Francisco fala de seus pais acerca destes costumes ancestrais místicos: “Meus pais eram caziques e outros quatro, entre todos os cinco os Mohanes³, falavam através da boca dos sábios hebreus.” (ISRAEL, 1881, p. 13, tradução nossa).

Para o rabino seiscentista, tendo como base uma interpretação do texto bíblico sobre a diáspora judaica, os povos judeus estariam errantes pelo mundo para que atingissem a terra que lhes fora prometida, tendo validação no mito das tribos perdidas de Israel. Segundo Reuven Faingold (2010, p. 02), o paradeiro das dez tribos,

³ Mohanes são espíritos místicos que, segundo as tribos indígenas dos Andes, são guardiões de uma vasta área, se referindo a um ecossistema chamado de Páramo, que faz parte da fauna e flora de países andinos como: Peru, Equador, Colômbia e Venezuela.

das doze inicialmente contadas, que se perderam na história é controverso, permitindo o surgimento de várias teorias sobre seu destino.

Faingold (2010) comenta sobre o relato de Montezinos e o contato com os indígenas quando identifica a oração sagrada para os judeus do Shemá Israel, “Ouve Israel” (p. 08). Como podemos ver nesta descrição que está em *Esperança de Israel*:

Permaneceram/ficaram estes dois homens chegaram ao Índio Francisco, um deles atirou-se a seus pés, mas o levantaram como modo de demonstração de humanidade e carinho, e começaram a falar com ele, foi então que Francisco disse: Não perturbes, não imagines que esses homens te dirão a segunda coisa até que estejas bem ciente da primeira, e então os dois se juntaram a Montezinos e disseram o verso de Deuterônômio, verso 6.4 Shemá Israel, adonai elohenu, Adonai Ehad, ouve Israel a Nosso D'us. (ISRAEL, 1881, p. 07, tradução nossa).

Ainda segundo Faingold (2010), esses relatos tratariam de provas vivas de uma das dez tribos de Israel, estando assim escondida no até então remoto continente novo, a América. Estudos foram produzidos sobre o testemunho de Montezinos, além dos comentários que se encontram no livro do rabino Menasseh Ben Israel. Entre eles, há os trabalhos intitulados “*Jewes in America, or Probabilities that the Americans are of that Race*” (1650) e “*Jews in América or Probabilities that those Indians are Judaical, made more probable by some additional to the former conjectures*” (1660), ambos de autoria de Thomas Thorowgood.

Nesses artigos, Thorowgood se interroga sobre como costumes judaicos poderiam transitar entre os primeiros americanos antes da colonização. Houve um contato anterior com o Novo Mundo? Para que essas dúvidas possam ser respondidas de modo mais concreto, usaremos um estudo técnico que trata do contato de povos antes da colonização europeia em terras americanas.

O estudo que aqui usaremos se intitula “*Identification of Polynesian mtDNA haplogroups in remains of Botocudo Amerindians from Brazil*”, de Vanessa Faria Gonçalves *et al.* (2013). Nesse estudo, foi possível constatar, através de testes de DNA

em esqueletos de indígenas da etnia extinta dos Botocudos, que ocorreram contatos com povos polinésios anos antes da colonização, segundo o que se é documentado. Além disso, nesses traços de DNA foi possível constatar que esse contato foi vasto, se estendendo do Espírito Santo à Bahia, conforme pode se ver abaixo:

Descrevemos aqui a descoberta de linhagens mitocondriais inesperadas que são consideradas tipicamente de origem polinésia que estavam em dentes de dois crânios de índios da etnia dos Botocudo. Apresentaremos primeiro nossos resultados moleculares, que foram produzidos independentemente em dois laboratórios diferentes. Em seguida, apresentamos possíveis cenários para explicar como esse contato de povos Polinésios com os Botocudos pode ter ocorrido. O primeiro cenário é pré-histórico, que está relacionado à possibilidade de continuidade genética entre os Paleoamericanos da Lagoa Santa e os índios Botocudos. Apresentamos também um cenário pré-colombiano histórico imaginável, envolvendo oportunidades de contato direto mais recente entre a Polinésia e a América do Sul antes da chegada dos europeus. (GONÇALVES *et al.*, 2013, tradução nossa)⁴.

Considerando esse estudo técnico de DNA, embora trate de povos polinésios, pensamos que seria possível vislumbrar eventuais contatos entre povos brasileiros e outros povos antes da colonização, podendo até mesmo ter havido contato com os povos fenícios.

Retomando a ideia já abordada acima sobre o mito do judeu indígena, Jane Bichmacher de Glasman (2011) apresenta reflexões sobre a presença judaica em terras brasileiras desde os tempos bíblicos, reforçando a hipótese da presença dos povos fenícios em terras indígenas do norte e nordeste do Brasil.

⁴ No original: "We describe herein the discovery of unexpected mitochondrial lineages considered as typically Polynesian in teeth obtained from two Botocudo skulls. We shall first present our molecular results, which have been reproduced independently in two different laboratories. We then present possible scenarios to explain how this Polynesian-Botocudo contact might have occurred. The first scenario, prehistoric, is related to the possibility of genetic continuity between the Paleoamericans from Lagoa Santa and Botocudo Indians. We follow with an imaginable historic pre-Columbian scenario, involving opportunities for more recent direct contact between Polynesia and South America before the European arrival." (GONÇALVES *et al.*, 2013).

Segundo Faingold (1997), trata-se de um possível contato dos povos indígenas brasileiros com a frota marítima do rei Salomão, já que esse possuía uma grande frota que viajava atrás de recursos diversos como ouro, prata, cobre e marfim. Viagens que iam aos cantos mais longínquos da terra, como podemos ver nesta citação bíblica:

Três vezes por ano, Salomão oferecia holocaustos e sacrifícios pacíficos sobre o altar que tinha levantado ao Senhor, e queimava perfumes sobre o altar que estava diante do Senhor. E assim acabou ele a construção do templo. Equipou também o rei Salomão uma frota em Asiongaber, perto de Ailat, na praia do mar Vermelho, na terra de Edom. Hirão mandou seus próprios servos nessa frota, marinheiros experimentados em náutica, para ajudar os homens de Salomão. Foram a Ofir, de onde trouxeram quatrocentos e vinte talentos de ouro, e os apresentaram ao rei Salomão. (BÍBLIA Sagrada, 2005. Reis, cap.9, vers. 25-28).

O que não se pode dizer com certeza é até onde essas embarcações de Salomão chegaram, em razão da inexistência de registros cartográficos. Um dos exemplos citados no texto de Faingold (1997) é do escritor português Antonio Ribeiro dos Santos, que levantou teorias baseadas nos escritos de Radak (1160-1235), que tratam de descrições de partes da América e do Brasil como Ofir, o lugar de destino das naus salomônicas referenciado na Bíblia.

Faingold (1997) menciona também os *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1956), atribuído a Ambrósio Fernandes Brandão. Nesse relato, cita-se a possibilidade de Salomão ter enviado frotas fenícias para a região de Ofir, isto é, o Brasil. Essas tropas saíram pelo mar vermelho em direção a Ofir, com o intuito de recolher riquezas para as grandes construções de Salomão.

Ainda segundo Faingold (1997), em relatos de padres da Companhia de Jesus, como Simão de Vasconcelos, temos descrições de que os nativos brasileiros possuíam características relacionadas às dez tribos de Israel. Acredita-se que houve um contato anterior aos dos colonizadores com povos não europeus; ainda assim, não é possível confirmá-lo, o que se tem são escritos considerados apócrifos.

Considerando esses estudos sobre o mito do judeu indígena, podemos passar para a representação dele na *graphic novel* *Holandeses* (2017), de André Toral.

3. OS HOLANDESES

André Toral é um sociólogo, antropólogo, historiador e quadrinista paulistano de 52 anos. Atua como professor de Estética e História da Arte nas Faculdades de Artes Plásticas e de Comunicações na Fundação Armando Álvares Penteado em São Paulo. Faz publicações contínuas em áreas relacionadas a sua formação acadêmica e de trabalho. Em 1988, publicou sua primeira *graphic novel* intitulada *O Negócio de Sertão*, seguida por *Adeus, amigo brasileiro. Uma história da guerra do Paraguai* em 1999. Em 2009, lançou *Os brasileiros* e, desde julho de 2009, publica mensalmente duas páginas na revista *Brasileiros*.

Além de *graphic novels* de fantasia, André Toral também trabalha com questões históricas. *Adeus, amigo brasileiro. Uma história da guerra do Paraguai* (1999) é um exemplo de obra que trata de um recorte histórico, nesse caso, a guerra do Paraguai, da qual o Brasil participou de modo mais efetivo.

A obra intitulada *Holandeses* é uma *graphic novel* publicada em 2017. A narrativa é ambientada no estado de Pernambuco durante o período em que os holandeses dominavam o nordeste do Brasil, no século XVII. Dois irmãos judeus, Castor e Esaú Azevedo, residentes em Amsterdam, imigram para o Brasil. Um deles, Castor, além das atividades com o comércio açucareiro e comércio de escravos, vem com o intuito de procurar vestígios de ancestrais judeus em meio aos indígenas. No entanto, as coisas não saem como planejado.

No Brasil, a presença dos judeus se deu em diversas fases. Ocorreram diversos movimentos migratórios, permitindo que a comunidade judaica se tornasse expressiva

em quantidade numérica, influência econômica e importância social no território nacional.

A fase na qual iremos nos focar é a que se dá entre 1630 e 1654, que é considerada a era do apogeu da comunidade judaica no Brasil. Esta fase se inicia em 15 de fevereiro de 1630, quando tropas holandesas ocuparam a capitania onde hoje fica o estado de Pernambuco. Nesse mesmo período do domínio holandês no nordeste do Brasil, havia uma grande quantidade de judeus refugiados da Península Ibérica em Amsterdam, que emigraram para o Brasil em grandes quantidades graças às garantias da administração de Pernambuco por Maurício de Nassau (1604-1679).

Nesse período, ocorreu o maior desenvolvimento econômico na região nordestina por se encontrar entre os holandeses condições favoráveis como: liberdade de culto, suficiência numérica e conceitual, continuidade imigratória e superioridade cultural. Toral (2017), na parte final de sua *graphic novel*, apresenta uma cronologia da narrativa e uma nota histórica acerca desse período. A história ocorre entre 1635 e 1645, sendo que esse último ano marca a reconquista do território. O poder da comunidade judaica foi sendo reduzido aos poucos, finalizando com a reconquista total do território pelos portugueses.

Como citado anteriormente, não há um consenso acerca do que seria uma *graphic novel*, mas as definições apresentadas nos trazem um norte no que diz respeito a suas classificações e definições. Segundo Santos e Chinen (2020. p. 133), há ainda classificações brasileiras, as quais se voltam para o mercado editorial, são elas: Ficcional, que trata de temas relacionados a questões sociais de modo geral e de descrições de diferentes épocas; Documentais, que são narrativas históricas e autobiográficas; e o gênero Jornalístico em forma de *graphic*.

Segundo Santos e Chinen (2020. p. 135), essas narrativas também reconstituem momentos históricos pouco relatados, nos quais as personagens vivem as diferentes dificuldades apresentadas por esses períodos em que se passam. Os autores também

citam a obra que estamos estudando, *Holandeses* (2017) de André Toral, como um desses exemplos. Na imagem a seguir, apresentamos a capa da obra. Esse livro apresenta não apenas a história em si, como há também, na parte final do livro, um posfácio em que o autor faz comentários e cita fatos históricos sobre a presença dos holandeses e judeus no nordeste brasileiro.

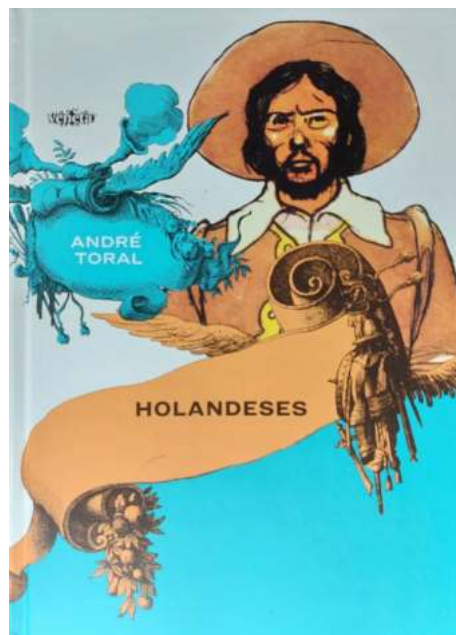


FIGURA 1 — CAPA DE HOLANDESES (TORAL, 2017).

A narrativa é ambientada no período em que os holandeses governaram a região nordeste do Brasil. Nela temos a representação de como a comunidade judaica vivia e era discriminada em território nacional durante esse período e como se deu a reconquista portuguesa desses territórios.

Glasman (2011) se vale dos estudos de Dom Henrique Onffroy de Thoron, etnólogo que viveu no século XIX, também referenciado no trabalho de Faingold (1997), para tentar demonstrar a similaridade entre as línguas grega, hebraica e tupi. Segundo ela, os locais bíblicos de Parvaim, Ofir e Tarshish situavam-se no Brasil. Em suas análises linguísticas, Thoron ainda considerou a hipótese de que o nome do Rio

Solimões estaria diretamente ligado ao nome de Salomão. Desse modo, Solimões seria Salomão em uma variação linguística da fala (GLASMAN, 2011, p. 950-952).

Essas ideias e possíveis vestígios da presença judaica em terras brasileiras geraram o mito do judeu indígena. Mito esse que muito se difundiu na Europa pela comunidade sefardita de Amsterdam. Podemos ver a referência a esse mito na primeira parte da *graphic novel*, conforme expresso na Figura 2. Na conversa entre os irmãos, a procura por judeus indígenas é citada. Castor é o irmão que busca o mito do judeu indígena e encontra no irmão Esaú, uma plateia incrédula.

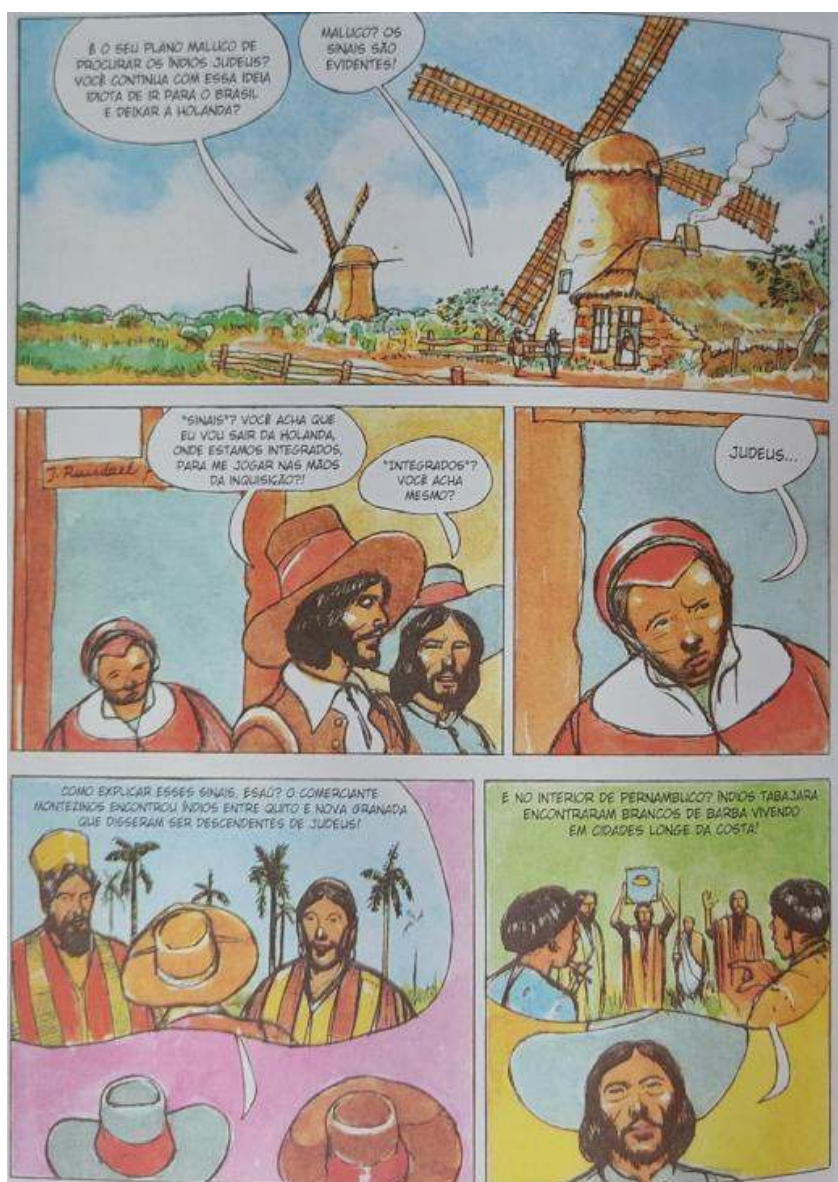


FIGURA 2 — MENÇÃO DO MITO DO JUDEU INDÍGENA: IDEIAS DE MONTEZINOS (TORAL, 2017, p. 08).

Na terceira figura, Castor fala da teoria do judeu indígena. Ao citar Montezinos, Castor com certeza teve acesso aos escritos do rabino Menasseh Ben Israel, que, como vimos, era de conhecimento da comunidade judaica em Amsterdam. André Toral (2017) utiliza desse contexto histórico para colocar como plano de fundo a presença desses judeus que residiam na cidade de Amsterdam e que em sua maioria eram refugiados sefarditas, expulsos da Península Ibérica desde o século XV.

Segundo Umberto Eco (2002), houve diversas instâncias de contato e até mesmo de mistura de judeus com nativos na América Latina. A maioria dessas colônias foram formadas por habitantes de países da Península Ibérica e, junto com eles, vieram judeus em suas frotas. Ainda segundo o autor, temos que levar em consideração também o fenômeno da “migração”, já que muitos desses processos não acontecem de modo natural, mas de modo forçado e violento.

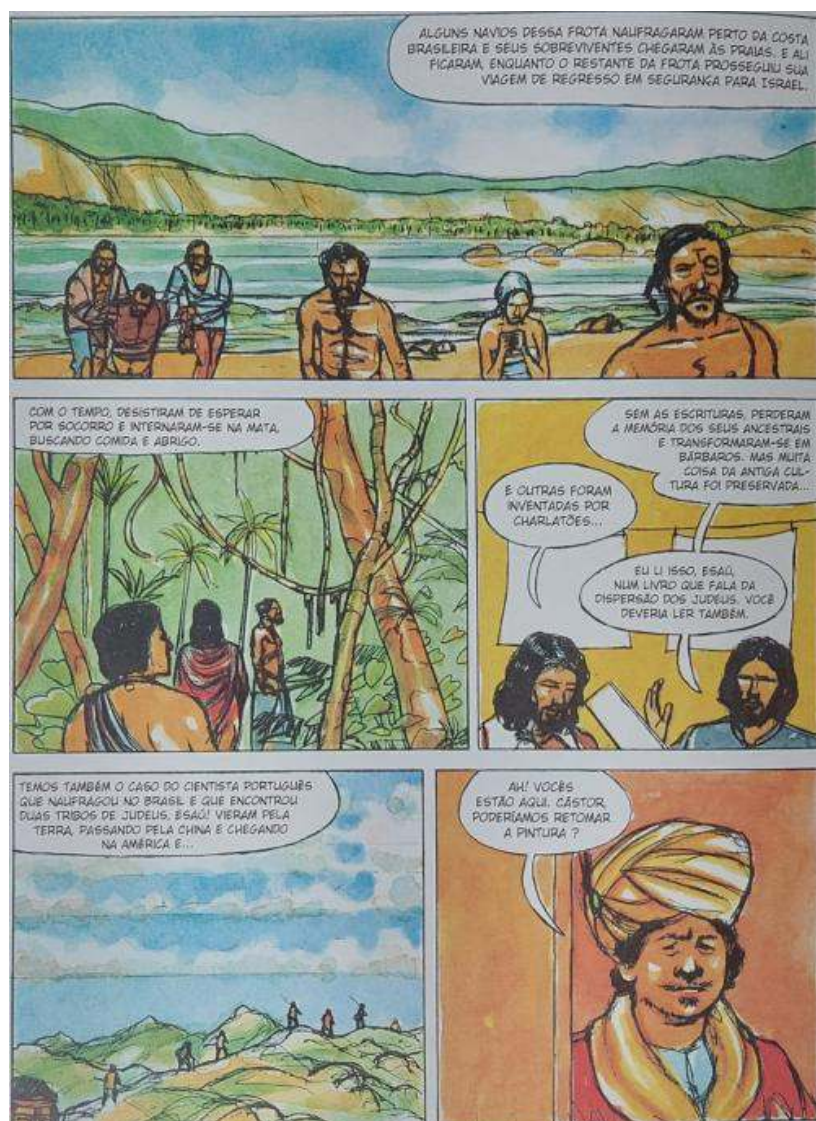


FIGURA 3 — MENÇÃO DO MITO DO JUDEU INDÍGENA: IDEIAS DE MONTEZINOS (TORAL, 2017, p. 16).

Ainda nesse contexto do processo de migração, os irmãos Azevedo estabeleceram-se comercialmente em terras brasileiras. Como já citado, durante o governo de Maurício de Nassau, os judeus tiveram liberdade econômica e de culto, conforme podemos perceber neste trecho da obra, conforme se vê na figura quatro:



FIGURA 4 — ATIVIDADE ECONÔMICA DOS IRMÃOS AZEVEDO (TORAL, 2017, p. 34).

Nessa *graphic novel*, podemos perceber que o comércio ao qual os irmãos Azevedo se dedicaram foi o de escravos. Vale lembrar que, nesse período, o Brasil era um grande centro comercial de escravos nas Américas. Castor Azevedo fica relutante em traficar escravos e vendê-los. Apaixona-se por uma mulher em situação de escravidão, o que passa a incomodar a sociedade. O irmão Esaú Azevedo demonstra para com os negros muita maldade, como se pode ver na imagem a seguir.



FIGURA 5 — LIBERDADE ECONÔMICA E SEGURANÇA DE NEGÓCIOS EM TERRAS BRASILEIRAS
(TORAL, 2017, p. 35).

Segundo Nelson Menda (2017), a partir de 1644 se iniciou um período de declínio do governo holandês em terras brasileiras. A partir desse momento, houve uma escalada na intolerância, tanto por parte dos judeus em relação aos católicos, como dos católicos em relação aos judeus. O governo de Maurício de Nassau trabalhou sob o pilar da tolerância; todavia, com o seu fim, se instaurou um regime tirano.

Com o fim desse governo tolerante, houve um grande êxodo judeu. Muitos se refugiaram na região norte do país e outros seguiram para a América do Norte, onde o domínio holandês ainda era grande, pois com as tensões e perseguições em terras brasileiras por parte dos portugueses que estavam retomando seu território, tornou-se inviável a presença dos judeus que não aceitassem a conversão (MENDA, 2017).

Esse aumento da perseguição contra os judeus por parte dos portugueses é retratado em *Holandeses* (2017) após a venda da amante de Castor, Maria do Rosário, que vivia em situação de escravidão. Castor então se alista em um grupo de exploração dos interiores do Brasil. Em dado momento, o grupo do qual fazia parte se encontra com tropas de reconquista. Ele é preso e posteriormente morto pelo simples fato de ser judeu, já que, segundo a retórica antissemita, os judeus eram traidores e assassinos

de Jesus Cristo. Na figura seis e na transcrição da narrativa, podemos ver o assassinato de Castor, condenado por ser judeu:

Castor foi capturado com espada e um mosquete por um homem armado unicamente com uma faca. [...] Derrotados, feridos e desmoralizados os holandeses capturados aguardavam seu destino debaixo de um cajueiro. Foi quando um dos portugueses se dirigiu aos prisioneiros. ‘— Boa Tarde! Alguém fala Português para ajudar?’ Esse truque Castor conhecia. Os portugueses usavam-no para descobrir os judeus, quase todos de origem portuguesa, que viviam entre os holandeses. E Castor ficou bem quietinho achando que só isso seria suficiente. ‘— E aí? O que tá fazendo aí, Judeu?’ Ele se entregou com um movimento de cabeça, pensando ouvir a voz do irmão que lhe falava em Português. (TORAL, 2017, p. 56).

A captura dos holandeses por tropas portuguesas e o julgamento imediato de Castor por ser judeu o leva a ser enforcado. Podemos perceber que um dos soldados fala: “Agora você vai se encontrar com Satanás, seu covarde!” (TORAL, 2017, p. 56). A acusação é clara: o judeu é acusado de matar o Cristo, conforme podemos ver na figura seis:

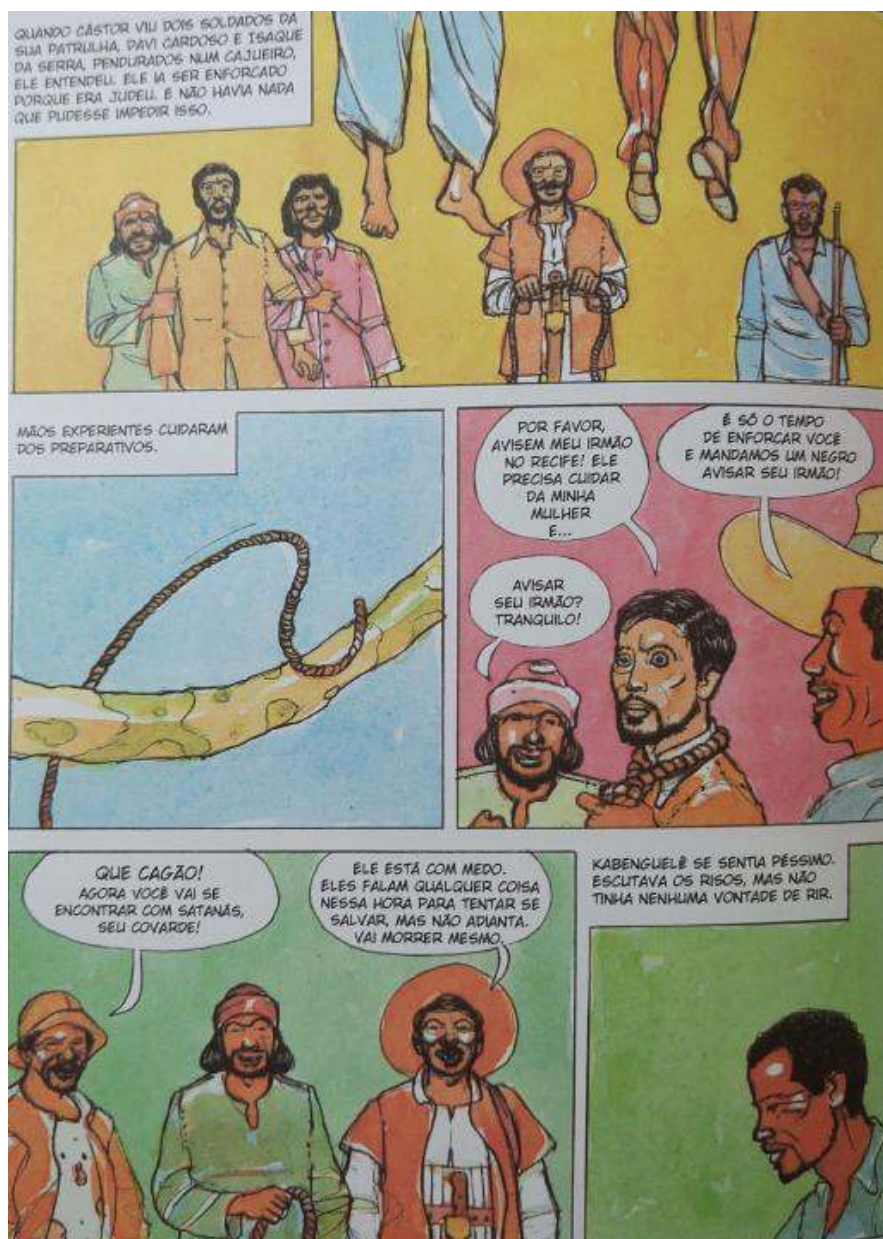


FIGURA 6 — JULGAMENTO DE CASTOR POR SER JUDEU: AUMENTO DA INTOLERÂNCIA, MOVIMENTO DE RECONQUISTA (TORAL, 2017, p. 56).

Na figura sete, o juízo de valor sobre o judeu assassinado ampara-se em um discurso de sua ligação com o demônio, um dos soldados diz: “Deve ser bruxaria desse povo! Judeu desgraçado!” (TORAL, 2017, p. 57). Os judeus recebiam um tratamento diferente. O enforcamento era apenas um dos muitos meios de morte aos quais os judeus foram condenados durante o período de reconquista.

Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro (1997), para que haja uma escalada de intolerância é necessária uma retórica fundamentada na ideia de um grande número populacional, ou seja, a grande presença judaica em território nacional foi usada como um ponto importante na escalada da retórica de intolerância em relação aos judeus.



FIGURA 7 — MORTE DE CASTOR POR ENFORCAMENTO (TORAL, 2017, p. 57).

Mesmo com o aumento de ações antissemitas, Esaú, após sentir-se culpado pela morte do irmão, segue em busca de nativos que teriam essa relação com judeus, como acreditava Castor. Ele segue as pistas em memória de seu irmão e acaba entrando em contato com indígenas que supostamente teriam herdado traços da cultura judaica.

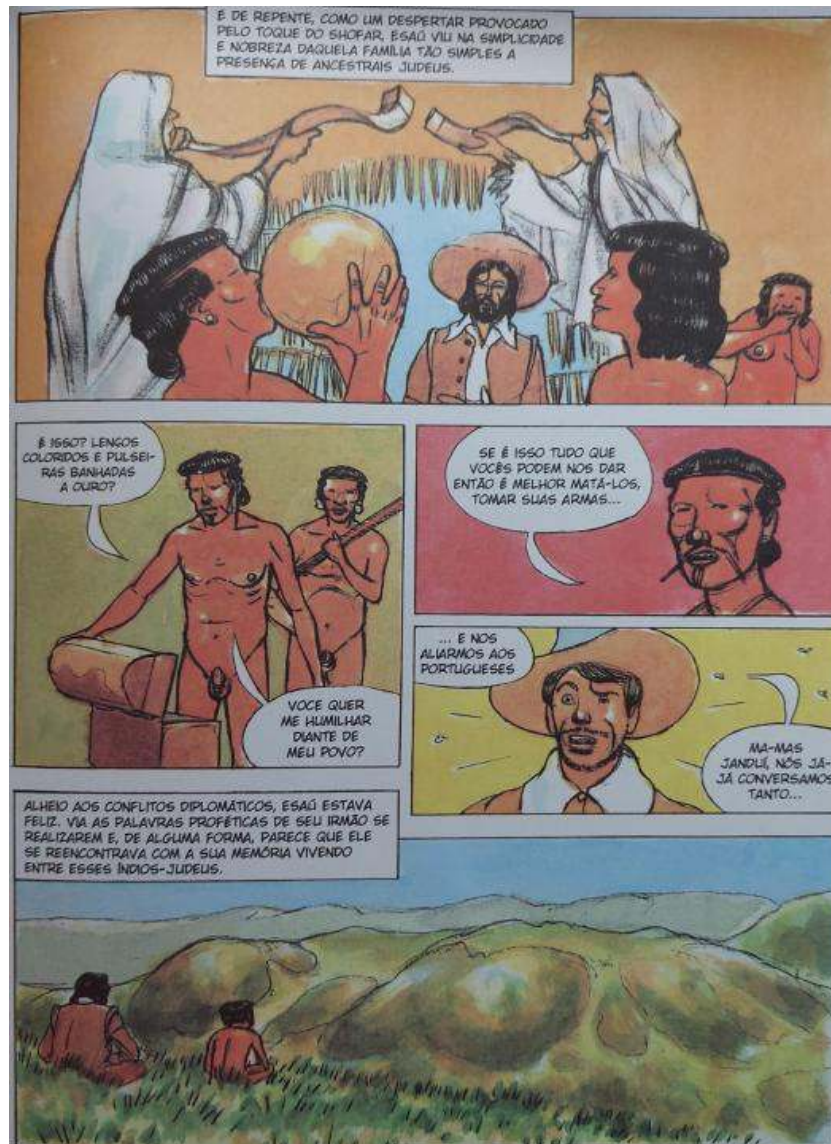


FIGURA 8 — CONTATO DE ESAÚ COM UMA ETNIA INDÍGENA QUE TEM TRAÇOS DA CULTURA JUDAICA (TORAL, 2017, p. 65).

Podemos perceber nessa parte da narrativa, considerando a Figura 8, que Esaú está em uma comunidade indígena e percebe traços de sua herança judaica. Um dos traços citados na *graphic novel* é a presença do *shofar*, um instrumento de sopro antigo que é utilizado em rituais desde o Antigo Testamento.

A convivência com povos indígenas mostra-se de grande impacto na vida de Esaú. Segundo Manuel Antônio de Castro (1982), a convivência do homem com o meio faz com que ele construa suas experiências, estas serão levadas para o resto da vida, mesmo que de modo pouco perceptível. Tendo isso em mente, a convivência de Esaú

com os povos indígenas o ajudou a compreender as relações, em especial as relações familiares. O ódio contra os negros e a inclinação ao lucro sem ética, fruto de um caráter duvidoso, apresentados durante boa parte da história, só mudou quando ele se viu sem o irmão. A culpa o fez mudar. Essa mudança o conduziu a, mais tarde, se relacionar com o filho do seu irmão e Maria do Rosário, que estava em situação de escravidão no começo da narrativa e que ele levou para Amsterdam. Deu liberdade à escrava e prometeu cuidar dela e do sobrinho. O filho de Castor tinha a mania de sentar-se no mesmo lugar que seu pai: “— Só mesmo um judeu tem legitimidade para chamar outro de ‘judeu’ e... já te falei que seu pai também gostava de vir desenhar aqui.” (TORAL, 2017, p. 81).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas *graphic novels* reconstituem partes da história, mesclando fatos e ficção. André Toral, em *Holandeses* (2017), faz um trabalho de reconstrução de um momento da história do Brasil e da comunidade judaica de modo geral, utilizando um dos mitos da cultura do povo judeu baseado em possíveis contatos dos judeus com povos indígenas antes da colonização.

O autor se vale desse mito para tratar da comunidade judaica durante o período do Brasil colonial, em especial o período do governo holandês. Nesse caso, alude à cultura judaica e a como esses judeus foram tratados em terras brasileiras, desde o apogeu social e econômico até o momento de extrema intolerância em relação à comunidade judaica, após a saída dos holandeses de Pernambuco.

Holandeses (2017), de Toral, fala sobre história, mitos judaicos, escravidão e antissemitismo. Temas presentes na história e na literatura nacional. A partir do mito do judeu indígena, que conduziu um dos irmãos Azevedo ao Brasil, pudemos conhecer fatos históricos e culturais dos judeus no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Salvador: Progresso, 1956.

BÍBLIA Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. *Reis*. São Paulo: Paulinas Editora, 2005. p. 1464.

CAMPBELL, Eddie. What Is a Graphic Novel?. *World Literature Today*, vol. 81, nº 2, 2007. p. 13-15. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40159289>. Acesso em: 01 set. 2022.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. A Retórica da Intolerância. In LEWIN, Helena (Org.). *Judaísmo: Memória e Identidade*. Rio de Janeiro: UERJ, v. II, 1997. p. 203-212.

CASTRO, Manuel Antônio de. *O acontecer poético — a história literária*. Rio de Janeiro: Antares, 1982. p. 145.

CHUTE, Hillary; DEKOVEN, Marianne. Introduction: Graphic Narrative. *Modern Fiction Studies*, vol. 52, nº 4, 2006. p. 767-782. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/26286669>. Acesso em: 01 set. 2022.

ECO, Humberto. *Cinco Escritos Morais/Tradução de Eliana Aguiar*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FAINGOLD, Reuven. Amazônia Judaica: história, lendas e mitos. In: LEWIN Helena (Org.). *Judaísmo: memória e identidade*. Rio de Janeiro: UERJ, vol. II, 1997. p. 17-29.

_____. Lendas e mitos judaicos d'além-mar. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, vol. 4, nº 7, 2010.

GLASMAN, Jane Bichmacher de. Presença Judaica na Toponímia Brasileira: Brasil, Origem E Mistérios. In ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA. *Cadernos do CNLF*, vol. XV, nº 5, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 940-952.

GONÇALVES, Vanessa Faria; STENDERUP, Jasper; RODRIGUES-CARVALHO, Cláudia; SILVA, Hilton Pereira da; GONÇALVES-DORNELAS, Higgor; LÍRYO, Andersen; KIVISILD, Toomas; MALASPINAS, Anna-Sapfo; CAMPOS, Paula; RASMUSSEN, Morten; WILLERSLEV, Eske; PENA, Sergio Danilo. Identification of Polynesian mtDNA haplogroups in remains of Botocudo Amerindians from Brazil. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, vol. 110, nº 16, 2013. p. 6465-6469. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1217905110>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ISRAEL, Menasseh Ben. *Esperanza De Israel*. Madrid: Santiago Perez Junquera, 1881.

MENDA, Nelson. *Breve história dos judeus no Brasil por Salomão Serebrenick*. eSefarad, 2017. Disponível em: <https://esefarad.com/?p=56083>. Acesso em: 01 out. 2021.

SANTOS, Roberto Elísio dos; CHINEN, Nobu. Categorização e análise de graphic novels brasileiras. *SOCIOPOÉTICA*, vol. 1, nº 22, 2020. p. 129–140. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/269>. Acesso em: 9 nov. 2021.

THOROWGOOD, Thomas. *Jews in America, or Probabilities, that those are Judaical, made more probable by some additional to the former conjectures*. London: for Henry Brome, 1660.

_____. *Jewes in America, or Probabilities that the Americans are of that Race*. London: Thomas Slater, 1650.

TORAL, André. *Holandeses*. São Paulo: Veneta, 2017.

_____. Sobre o autor. *André Toral*, 2022. Disponível em: <http://www.andretoral.com.br/autor.html>. Acesso em: 9 nov. 2021.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

VERNANT, Jean Pierre. *Fronteiras do Mito. Textos Didáticos*. IFCH/UNICAMP, 2005.

Recebido em: 04/03/2022

Aceito em: 31/08/2022